

TIRAS DA MAFALDA: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA CATEGORIA DE PESSOA

Luciane Schiffli FARINA
Universidade de Passo Fundo

Resumo: Este trabalho tem por objetivo demonstrar a construção da categoria de pessoa, de acordo com a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, em tiras da Mafalda. Para tanto, apesar de encontrar a linguagem iconográfica na estrutura formal desse gênero discursivo, neste estudo a reconhecemos como complemento da linguagem verbal, numa perspectiva linguístico-textual, pois privilegiamos o estudo da palavra, inserida num contexto discursivo. Dessa forma, a partir das manifestações verbais de Mafalda, marcas linguísticas deixam transparecer a categoria de pessoa, pela constituição de um *eu*-adulto e um *eu*-criança, na e pela enunciação, direcionando o sentido discursivo da tira.

1 INTRODUÇÃO

Para compreender o sentido da linguagem e seu funcionamento, é necessário analisá-la em uso, pois qualquer enunciado é produto de um ato de enunciação. Segundo Benveniste, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. (1989, p. 82). Desse modo, nosso estudo destaca a análise da linguagem verbal em uso, considerando a não verbal da tira como complementar.

Este trabalho visa a fazer um estudo enunciativo do discurso humorístico (tiras), buscando subsídios teóricos na Teoria da Enunciação apresentada por Émile Benveniste. Pretende-se mostrar que somente no enunciado é possível construir o sentido das palavras. Na análise das tiras da Mafalda, *corpus* deste trabalho, busca-se, através da categoria de pessoa, particularizar um *eu*-adulto e um *eu*-criança, bem característico dessas tiras, e compreender, através dessas marcas linguísticas, de que forma se dá a construção do sentido do discurso da tira como um todo.

Para a consecução do propósito deste trabalho, a princípio, será apresentado o referencial teórico, com destaque de conceitos que embasarão a análise das tiras, as categorias de pessoa, espaço e tempo e, na sequência, será feita a análise enunciativa dos textos selecionados, seguida das considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Tratando de enunciação, Émile Benveniste, como diz Flores, “é considerado o *lingüista da enunciação* e, conseqüentemente, o principal representante do que se convencionou chamar de “teoria da enunciação” (2005, p.128) [grifo do autor]. Esse ilustre teórico embasa a parte principal das referências desta pesquisa. Segundo Flores, “Simon Bouquet, importante investigador da obra de Ferdinand Saussure, explica que Benveniste não faz mais que ser um intérprete fiel das idéias do mestre genebrino. Claudine Normand, uma excelente leitora da obra benvenistiana, apresenta-a como uma constante oscilação entre *ultrapassar ou continuar* Saussure.” (2005, p. 129) [grifo do autor]. Flores, complementa posicionando-se: “Ao contrário, penso que Benveniste produziu um pensamento absolutamente singular, cuja complexidade está por ser avaliada. [...] Tal complexidade somente poderia ser contemplada num estudo epistemológico exaustivo”. (2005, p.129)

Partindo dessas noções introdutórias, pode-se dizer que a teoria da enunciação, segundo Benveniste, apresentada em duas obras: Problemas de Lingüística Geral I e II, faz o leitor/pesquisador refletir sobre o uso da língua,

ainda que de certa forma estruturalista, mas de um jeito diferente, pois trata de uma “lingüística da singularidade” (FLORES, 2005, p. 136).

Sob esse prisma, Benveniste, no texto *A forma e o sentido na linguagem* em PLG II¹ explicita que “Há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma” (p. 229). A língua como semiótica é a forma e a língua como semântica é o sentido. Tais definições andam juntas pois a linguagem é a uma atividade significante por si própria. Para Saussure, a noção de signo é que o mesmo é dotado de um significante (forma) e significado (sentido). Benveniste avança nesse conceito, afirmando que a língua feita de signos é dizer antes de tudo que o signo é a *unidade semiótica* que dá sentido e *unidade particular*, ou seja, que é definida, dependente da consideração semiótica da língua (entidade livre).

Assim, no nível *semântico* está a enunciação. É *eu* que se diz e se diz no mundo. Já não signos, mas *palavra*. “As palavras, instrumento da expressão semântica, são materialmente, os signos do repertório semiótico” (1989, p. 233). Assim, “é no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua” (1989, p.227).

Nessa transposição do semiótico para o semântico, ou do signo para a palavra, o autor coloca que ao se *apropriar* da língua o locutor *agencia* palavras (signos) no campo semiótico e as leva para o campo semântico, associando a língua e o uso da língua, o que chama de *apropriação*. Esse, a princípio, é um processo que não há distinção entre semiótico e semântico, pois é em uma situação de emprego da língua que a generalidade de um conceito fica específico.

“[...] a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que *cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo*” (BENVENISTE, 1989, p.233-234) [grifo nosso]

¹ PLG lê-se: Problemas de Linguística Geral – obra de Émile Benveniste, conforme referências bibliográficas.

Percebe-se que na ordem do discurso, não é somente a palavra que significa, mas também, a frase, pois, “a expressão semântica por excelência é a frase” (p. 229) “Uma frase participa sempre do *aqui e agora*; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa idéia interessante, um certo presente de um certo locutor” (p.230). “A partir da idéia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego tem um sentido *particular*” (p. 231).

Dessa forma, a palavra sendo unidade do semântico, ela está sempre na frase pois a língua tem como função predicar, ou seja, é por meio da frase que a língua se manifesta e que o pensamento se torna ideia. E a cada vez que a palavra é usada, é um processo único, singular, sendo cada vez particular de acordo com a situação.

Em cada situação de uso da língua há três condições necessárias e suficientes para acontecer a enunciação, de acordo com a teoria benvenistiana: alguém (*eu*) que fale para outro alguém (*tu*) de algo (*ele*). Nessa tripartição, estão distintos os pronomes que correspondem à *pessoa*, constituídos por *eu/tu* e *ele* correspondendo à *não-pessoa*. *Eu* significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*” (p. 278). Ou seja, caracterizar *eu* como pessoa, é dizer que o *eu* é algo singular, exclusivamente linguístico, pois “se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor.” (p.288). “A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como *eu*” (p.288). *Eu*, para o linguista é essencialmente linguístico, é a palavra que coloca a língua em funcionamento.

Partindo do pressuposto de que a subjetividade é a capacidade do locutor para se propor como sujeito, os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para uma revelação da subjetividade na linguagem. A subjetividade se dá de *eu* e *tu* indissociados, mesmo sendo opostas. Isso é,

“A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a *mim*, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. A polaridade das pessoas é na linguagem a

condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma conseqüência totalmente pragmática. (BENVENISTE, 1989, p. 286)

Nesse sentido, *eu/tu* fazem parte da língua enquanto discurso, a significação dependente da subjetividade, pois uma prescinde a presença da outra: alguém, ao afirmar-se locutor, pressupõe também um alocutário. É somente no interior da noção que distingue *eu-tu* porque o primeiro assume-se quando se enuncia, sendo que o segundo pode tomar o lugar do primeiro, assumindo a palavra e, podendo assim, dizer-se *eu*. Para o linguista “Todo locutor, no consenso pragmático é um co-locutor” (p.84): todo locutor é um *eu* e um *tu*.

Ele, não faz parte da língua enquanto discurso, mas como sistema de significação baseada em unidades discretas. *Ele*, são coisas que são constituídas a partir do momento em que são designadas. Fazem parte do momento de discurso, e apesar de exteriores à pessoa (*eu/tu*), assim como as outras palavras, tem referência na enunciação.

As formas linguísticas vazias de significação só se preenchem face à subjetividade. Além de *eu* e *tu*, as categorias de tempo e espaço se fazem presente, promovendo relações entre *eu-tu-aqui-agora*. Isso dá significativa singularidade para o sentido do enunciado. A enunciação, então, é responsável em dar um valor, um sentido a certas classes de signos, como pronomes e advérbios, pois fora do discurso se constituem em unidades vazias.

Em seu texto *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste afirma, e no presente trabalho se salienta, que “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (p. 82). Tal conceito considera-se como parte integrante dessa pesquisa, no momento em que, a partir da “teoria da enunciação” benvenistiana, analisar-se-ão os textos do gênero tira, principalmente, sob a noção da categoria de pessoa, que o personagem principal da tira assume. Isso pode ser percebido pelas marcas linguísticas utilizadas pelo locutor, que contribuem para a construção do sentido global no discurso. Pois, “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua” (p.83).

3 ANÁLISE ENUNCIATIVA DO TEXTO 1

Texto 1



A palavra em destaque na tira é *primavera*. Dessa forma, encaminhamos a primeira parte da análise direcionando o foco para isso.

Mafalda, sendo uma menina de aproximadamente 6 anos, institui a categoria de pessoa quando se apropria da língua e diz “Graças a Deus, chegou a primavera”. É nesse colocar a língua em funcionamento que temos a enunciação e, com base nisso, construímos sentidos com as palavras em relação. Neste caso, é o sentido de primavera. Crianças nesta idade adoram brincar ao ar livre e, dessa forma, o sentido enunciativo que designa a primavera é diferente do sentido comum, dicionarizado, que a palavra tem. A primavera, para Mafalda, significa tempo de alegria, pois pode brincar e aproveitar a vida do jeito que a criança gosta, ou seja, ao contrário de ficar sozinha ou de brincar somente em ambientes fechados, pode ter contato com outras crianças, com a natureza, que está florida e despede-se do frio do inverno. Isso é que dá sentido à sua vida; portanto, no enunciado “Graças a Deus, chegou a Primavera!”, primavera significa brincar.

Da mesma forma, o velhinho, ao usar a língua, colocando-a em funcionamento, expressa seu sentimento de alívio por ter chegado à primavera, ou seja, ele também constrói, pela categoria de pessoa, o sentido enunciativo de primavera. Para ele, primavera, vinda depois do inverno, no qual são mais

altos os índices de morte em razão de doenças provocadas ou agravadas pelo frio, também é motivo de alegria, porém, por ter expectativa de mais um tempo de vida, talvez até o próximo inverno. Isso é que dá sentido à sua vida; portanto, no enunciado “Graças a Deus, cheguei à primavera”, primavera significa expectativa de vida. Recorrendo a Benveniste vemos que “a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação.” (1989, p. 85). Da enunciação se instaura a categoria do presente, e desta, nasce a categoria de tempo. Dessa forma, encontramos a categoria de tempo no enunciado instituída na e pela fala do velhinho e de Mafalda também, pois passou mais uma estação, o que significa, para ele, que sobreviverá por mais tempo e, para ela, que aproveitará intensamente a nova estação. Há também a ideia de tempo, pois para o velhinho passou mais uma estação fria, à qual ele sobreviveu, ou seja, espera ter mais um pouco de vida, ao passo que para a menina a expectativa é de viver várias outras primaveras.

Ambos falam da primavera, a qual constitui a não pessoa *ele*, que, de acordo com a teoria de Benveniste, pertence à sintaxe da língua e é considerado como não pessoa, por não participar da instância do discurso, uma vez que não pode se apropriar da língua e colocá-la em funcionamento. Se isso acontecer, temos a categoria de pessoa *eu*.

Analisando o sentido constante no dicionário, encontramos a seguinte referência para a palavra primavera: “Estação do ano que sucede ao inverno e antecede o verão” (FERREIRA, 2008, p. 397), que corresponde ao que Benveniste chama de “nível semiótico” da língua. O enunciado do texto em análise é o responsável por dar aos termos o seu nível semântico e colocá-los no discurso, assumindo um sentido. É assim que temos a instância da língua-discurso. Em Benveniste esclarecemos essa afirmação: “Do sentido semiótico ao semântico há uma mudança radical de perspectiva [...] a semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta da atividade do locutor que coloca a língua em ação.” (1989, p. 229). Isso significa que, a princípio, a primavera como estação do ano é a mesma, mas o sentido de primavera é dado pela categoria de pessoa *eu* em

cada enunciado, de acordo com as características do locutor, principalmente em razão das suas idades, pois cada um fala da sua própria primavera.

Assim, o *status* linguístico da *pessoa* é o que define a enunciação, pois o sentido de cada enunciação contendo *eu* é único em razão de cada instância de discurso também ser única. Como podemos perceber, o tópico não é mais o *eu*, mas, sim, como esse *eu* dá o sentido de primavera; o *tu* se constrói no texto dependendo da cena narrativa de cada vinheta.

No primeiro quadrinho o *eu*, Mafalda, fala para o *tu*, que é o leitor, já que não há marca linguística verbal, em balão, nem não verbal, por imagem. *Eu* e *tu*, a princípio signos vazios, tornam-se plenos na instância do discurso. Assim, estabelecem uma correlação de subjetividade, *eu*, Mafalda, que, ao apropriar-se da língua, é locutor, e *tu*, leitor, a quem Mafalda se dirige. Lembramos que tal categoria de pessoa, o *eu*, se constrói pelas marcas linguísticas de Mafalda, que constitui no primeiro quadrinho um *eu-criança*. Complementando tal observação, lembramos que, em relação à correlação de subjetividade na oposição *eu-tu*, o *eu* é transcendente a *tu*, pois somente *eu* é interior ao enunciado e *tu* é exterior, indicando que somente *eu* é a pessoa subjetiva realmente.

Percebemos isso neste primeiro quadrinho, onde fica evidente que somente *eu* Mafalda se apropria do discurso; o *tu*, mesmo não aparecendo, completa a unicidade entre *eu-tu*, mas não fortalece a inversibilidade entre a relação *eu-tu*, prevista na correlação de personalidade. O *tu*, sendo leitor, não se inverte em *eu*, tendo em vista que não se pronuncia na tira, a qual possui um hiato, próprio da sua estrutura, que conduz a sequência narrativa. Assim, ressaltamos que o *tu*, mesmo não respondendo a Mafalda, pode se fazer *eu* e responder a outros *tus*, não nesta situação discursiva, mas em outra que trate o tema da tira, porém será uma outra enunciação.

Assim, a correlação de personalidade que separa a pessoa da não pessoa se estabelece pela tríade *eu* (Mafalda) - *tu* (leitor) x *ele* (primavera). Recorrendo a Benveniste, lembramos que a particularidade da terceira pessoa se define por ser “a única pela qual uma coisa é predicada verbalmente”.

(BENVENISTE, 1988, p. 253). Nesse caso, como já comentado, Mafalda fala da sua satisfação pela chegada da primavera.

No segundo quadrinho, o *eu* é o senhor curvado que se apoia na bengala, ao qual chamamos de “velhinho”, como vemos pela imagem e, sobretudo, pelo balão de fala em sua direção, que institui o outro senhor próximo a ele, ao qual chamamos de “senhor”, como o *tu*, percebido pela imagem não verbal. Da mesma forma que no primeiro quadrinho, *eu* e *tu*, signos plenos na instância do discurso, estabelecem uma correlação de subjetividade, o locutor, senhor de bengala, institui como *tu* o outro senhor. Aqui também o *eu* é transcendente a *tu*, pois o senhor, não falando ao velhinho, não se torna *eu*, permanecendo como *eu* somente este, que é realmente a única pessoa subjetiva.

Lembramos que o *tu* ao qual o *eu* se dirige é cada vez único; mesmo não falando, da mesma forma que sinaliza a característica de unicidade, o *tu* marca a característica de inversibilidade, pela presença percebida somente pela linguagem não verbal, que, estando numa situação muito parecida com a do locutor, inverte-se em *eu*, mesmo não falando. Lembrando que o *tu* ao qual o *eu* se dirige é cada vez único, o *tu*, mesmo não falando, marca a característica de unicidade. Contudo, nesta vinheta, como o *tu* não se inverte em *eu* no discurso, não percebemos a possibilidade de inversibilidade. Ressaltamos que não percebemos isso na tira porque o senhor não fala, só observa, mas, por ser um *tu*, ele é potencialmente um *eu*. Mafalda também pode ser definida como *tu* nesta cena narrativa, pois, ouvindo o desabafo do velhinho, ao contrário do senhor, que seria o *tu* da cena, expressa sua reflexão no quadrinho seguinte, ou seja, apropria-se da língua e enuncia-se.

Quanto à relação de personalidade, neste segundo quadrinho podemos representá-la da seguinte forma: *eu* (velhinho) – *tu* (senhor) x *ele* (primavera). Nesse sentido, o velhinho fala da sua satisfação e alívio por chegar à primavera.

No terceiro quadrinho o *eu*, Mafalda, fala para o *tu*, que é novamente o leitor, já que não aparece verbalmente, nem em imagem. Assim, estabelecem-se na correlação de subjetividade *eu* (Mafalda) x *tu* (leitor). Desta vez, o *eu* se

constrói pelas marcas linguísticas de Mafalda, que constitui um *eu*-adulto, pois, pelo enunciado “E eu dizendo trivialidades”, percebemos que uma criança, pela falta de experiência de vida, maturidade e vocabulário restrito, não diria isso. Complementando, na oposição *eu-tu* vemos, novamente, que o *eu* é transcendente a *tu*, pois somente *eu* é interior ao enunciado e *tu* é exterior, indicando que somente *eu* se assume como pessoa subjetiva, ou seja, somente *eu* Mafalda se apropria do discurso; quanto ao *tu* – instituído por Mafalda –, mesmo não aparecendo, completa a unicidade entre *eu-tu*, mas *tu*, sendo leitor, não se transforma em *eu*, pois não se expressa explicitamente, nesta situação.

Nesse sentido, a correlação de personalidade que separa a pessoa da não pessoa estabelece-se pela tríade *eu* (Mafalda) - *tu* (leitor) x *ele* (trivialidades). É possível fazer a leitura de que o locutor recorreu ao inventário de palavras da língua para selecionar aquela que melhor representa a ideia que quer repassar ao leitor. Assim, o enunciado “E eu dizendo trivialidades” indica a subjetividade, que, no caso, é o desejo do autor da tira de expor o direcionamento de sentido para a última vinheta, a qual revela incongruência, dando o efeito de humor próprio do gênero tira. Para isso, usa a língua, de onde retira o material linguístico, que passa a fazer sentido no funcionamento da linguagem, evidenciando que, ao usar a linguagem, deixa-se o domínio da língua para encontrar o domínio do discurso.

Além de tratarmos da categoria de pessoa, verificamos em Benveniste (1989) a classificação atribuída ao aspecto tempo, a qual estabelece que o tempo crônico envolve a sequência dos acontecimentos. “Todas as sociedades humanas elegeram um cômputo ou uma divisão do tempo crônico baseada na recorrência de fenômenos naturais: alternância do dia e da noite, trajeto visível do sol, fases da lua, movimentos das marés, estações do clima e da vegetação, etc.” (BENVENISTE, 1989, p. 72). Nesta tira ressaltamos “primavera” como indicativo de tempo crônico. Sabemos que o tempo linguístico define e se organiza como função do discurso. Assim, chegar a esta primavera indica uma transferência do tempo linguístico ao tempo crônico,

dada a importância particular do sentido de primavera assumido pelos personagens.

Além disso, de acordo com Benveniste (1989, p. 85), a língua conceitua tempo de modo distinto: “a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida na e pela enunciação”. Nos enunciados dos dois primeiros quadrinhos – “Graças a Deus, chegou a primavera” e “Graças a Deus cheguei à primavera” – as formas verbais “chegou” e “cheguei”, mesmo estando conjugadas no tempo passado, remetem ao presente, direcionando para o futuro. No caso de Mafalda, referem-se a dois modos de futuro: um próximo, pois o que interessa a ela, sendo uma criança que não tem capacidade para pensar num futuro distante, é aproveitar esta primavera para brincar; outro distante, pois inferimos que, por ser uma criança, viverá várias primaveras. Igualmente, para o velhinho, o futuro refere-se a dois modos: um próximo, o qual tem mais chance de usufruir, e um distante e incerto, tendo em vista que serão poucas as primaveras que conseguirá viver em razão de sua pouca expectativa de vida.

A forma verbal do terceiro quadrinho, “dizendo”, evidencia um tempo de continuidade pelo verbo no gerúndio, remetendo também a um agora. “Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo” (BENVENISTE, 1989, p. 85). No enunciado “E eu dizendo trivialidades”, além de reconhecermos a fala de Mafalda como um *eu*-adulto, como já comentado, depreendemos a ideia de que ela continuará fazendo suas observações e apontamentos a partir do seu *eu*.

Complementando a noção de tempo desta tira, ao dar “graças a Deus”, ambos os personagens, Mafalda e o velhinho, indicam a concepção de Deus como a existência do sempre, remetendo do presente ao passado e do presente ao futuro, já que é a criatura espiritual suprema, que os acompanhará sempre. Ambos agradecem a Deus colocando-o como responsável por estarem vivendo na primavera. Ao contrário do velhinho que já viveu muitas primaveras no passado, restando-lhe poucas para o futuro, Mafalda ainda viverá muitas primaveras no futuro.

O espaço linguístico ordenado pela categoria de pessoa situa o ambiente pela expressão “primavera”, fundamentando as oposições espaciais da língua. Para Benveniste (1988, p. 280), “o essencial é, portanto, a relação entre o indicador de (pessoa, de tempo, de lugar, etc...) e a presente instância do discurso”. Na tira, a expressão “primavera” define o espaço em relação ao *eu/tu* e à “não pessoa”, caracterizando-se como fator de intersubjetividade. Tal aspecto não se configura como espaço físico, mas como aquele onde se desenrola a cena enunciativa, comportando suas demarcações e limites próprios, porque marcam o espaço interno e externo da enunciação.

Ao longo das três vinhetas da tira há harmonia entre o texto verbal e não verbal diferenciando o sentido de primavera sempre a partir do *eu*, em conjunto com o agora e o aqui. O primeiro quadrinho, sendo maior e estampando a primavera num desenho detalhado, combina-se com o tamanho do entusiasmo de Mafalda, igualmente grande. Destacando os idosos sem panorama primaveril no segundo quadrinho, mostra-se que o entusiasmo em razão da primavera diminui, o que é reforçado pelas dimensões do quadrinho, que também diminuem. O terceiro quadrinho, enfocando a imagem para Mafalda e sua reflexão, é menor que os anteriores, reduzindo a êxtase denotada, a princípio, ao sentido de primavera.

Dessa forma, verificamos que a categoria de pessoa instituída no discurso conduz a que a palavra “primavera” ganhe um sentido só possível numa situação discursiva como essa. O *eu* só é esse em razão de seu movimento ao colocar a língua em funcionamento e instituir um *tu* para seu discurso.

4 ANÁLISE ENUNCIATIVA DO TEXTO 2

Texto 2



também se inspira pelas marcas linguísticas de um eu adulto e um eu criança.

Segundo Benveniste (1988), “eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a mim, torna-se meu eco, ao qual digo tu e que me diz tu (p. 286). Assim, conferimos novamente nessa tira o valor da categoria de pessoa para se dar a construção do sentido do texto.

No texto, Mafalda expressa um monólogo, que, segundo Benveniste (1989), é uma variedade do diálogo.

O monólogo é um diálogo interiorizado, formulado em ‘linguagem interior’, entre um eu locutor e um eu ouvinte. Às vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte permanece entretanto presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significante a enunciação do eu locutor”. (BENVENISTE, 1989, p. 87).

Observamos aqui um monólogo formulado em linguagem interior, expressa nos balões entre um *eu* locutor, Mafalda, o qual é o único a falar, e um *tu* ouvinte, o leitor, cuja presença, mesmo não aparecendo na tira, é imprescindível para validar a enunciação.

Assim, no primeiro quadrinho, Mafalda, ao iniciar o monólogo, mesmo dizendo para ela mesma, configura-se em *eu* e institui o *tu*, o leitor, para estabelecer a correlação de subjetividade. Ao dizer “Hoje nada de ler jornal, nem de ouvir noticiário, para não se amargurar com a situação mundial”, Mafalda assume seu *eu*-adulto, pois só adulto tem o hábito de ler jornal, assistir

a notícias e se indignar com a situação mundial. A correlação de personalidade fixa-se em *eu* (Mafalda) – *tu* (leitor) x *ele* (desinteresse em notícias da situação mundial). Ao mesmo tempo em que ela não quer saber de notícias, revela seu *eu*-criança, mexendo nos brinquedos, próprio de criança.

No segundo quadrinho, a correlação de subjetividade também se estabelece entre *eu*, Mafalda e *tu*, leitor, porém o fato da inversibilidade entre essa relação de pessoa (*eu-tu*) não se firma de forma explícita, pois o *tu*, sendo o leitor, não se pronuncia na tira. Quando diz “Já decidi! Vou só brincar!”, Mafalda coloca-se com um *eu*-criança, pois criança adora brincar com os brinquedos. A correlação de personalidade firma-se em *eu* (Mafalda) – *tu* (leitor) x *ele* (brincar). Ao dizer “só brincar”, quer dizer que assume somente a atividade de criança, confirmando-se como uma marca linguística do *eu*-criança.

No quinto quadrinho, ainda Mafalda é o *eu* e o leitor é o *tu* da correlação de subjetividade. O *eu*-adulto outra vez se instala pelas marcas linguísticas do enunciado “O que você estará aprontando?”, em que Mafalda se mostra curiosa sobre as notícias ruins, as quais se destacam em número cada vez maior em noticiários televisivos ou em jornais, além de outros meios de comunicação. Assim, a correlação de personalidade também se estabelece com *eu* (Mafalda) – *tu* (leitor) x *ele* (prováveis notícias ruins). Destacamos que quem, na verdade, está “aprontado” é o ser humano, habitante de qualquer parte do planeta Terra, não o planeta. Sabemos que em todas as áreas de atividade e de relacionamento humano há maldade, violência, acidentes, catástrofes e tudo o que possa ser qualificado de malefício. Mas, por trás de tudo isso, há a responsabilidade, ou melhor, a falta de responsabilidade do homem, que deveria zelar mais para evitar tais situações.

Percebemos uma relação entre as falas do primeiro e último quadrinhos em que Mafalda se refere aos acontecimentos mundiais. No primeiro, nega o desejo de acompanhar os noticiários em jornal ou televisão para não se amargar, pois só há coisas ruins e a maioria provocadas pela ação do homem. A partir dessa decisão, opta por brincar; contudo ao passar pelo globo terrestre sua curiosidade aflora e seu *eu*-adulto se destaca, pois gostaria de

saber o que está acontecendo, o que o ser humano está fazendo, ou melhor, “aprontando”. Dessa forma, há uma dependência no sentido construído no primeiro e último quadrinhos, e entre eles.

Em relação ao tempo, “continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais” (BENVENISTE, 1989, p. 86). Assim, é pela enunciação que acontece o agora. Há o indicativo de tempo “hoje”, em que as formas verbais “ler”, “ouvir”, “amargurar” no infinitivo mostram que, não sendo conjugadas com um pronome específico, são ações comuns, a combinar, com qualquer pessoa, neste caso, a adulta. Em “decidi”, como a decisão tomada está sendo realizada no momento presente, mesmo conjugada no passado, direciona-se ao presente. O futuro contínuo em “estará aprontando” também se direciona ao presente, pois, além de soar como uma expressão de dúvida, indica que sempre o mundo, por intermédio do homem, está e vai continuar aprontando; logo, sempre estarão acontecendo coisas ruins. E, sendo assim, nesse momento isso se repete também, referindo-se ao presente.

Assim como o tempo é avaliado no agora, o espaço é linguístico e se realiza no aqui, e ambos a partir do *eu*. Situamos pela linguagem não verbal um espaço íntimo de Mafalda, seu quarto, sua casa, que se contrapõe com o espaço físico distante, de várias partes do mundo. Ao mesmo tempo em que ela procura os brinquedos e seleciona-os, cria um espaço infantil; porém, analisando a seleção, percebemos que quer retratar o mundo adulto, pois na caixa de brinquedos que carrega há: telefone (aparelho para transmitir a distância a palavra falada), boneco (figura que imita uma forma masculina ou feminina), cata-vento (aparelho que determina a velocidade e a direção do vento). O lugar onde os brinquedos vão parar é no chão, como podemos observar no último quadrinho, visto que Mafalda, despercebida deles, os deixa cair da caixa. O globo terrestre, ao contrário, ocupa lugar sobre uma mesa, indicando, que, além de o olhar de Mafalda destacar a valorização do globo, a

sua atenção mental está ligada nele. Por isso, o globo está acima de tudo, de Mafalda e dos brinquedos, como visualizamos.

Assim, o último texto que analisamos integra linguagens verbal e não verbal instaurando as pessoas do discurso *eu* (Mafalda) dirigindo-se a um *tu* (leitor) para destacar que a personagem, mesmo tendo um *eu*-criança, que encanta, expressa em seus enunciados um *eu*-adulto, contestador e crítico, que admira, pois se mostra preocupado e muitas vezes indignado com a amargurante situação mundial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises feitas, pudemos observar que as palavras ou expressões que evidenciam essas categorias, só são identificadas na situação real de discurso do texto. É na língua posta em funcionamento que evidenciamos sinais da atividade do homem. Em Benveniste (1988), vemos que a linguagem é condição de existência do homem e, como tal, é sempre referida ao outro. Isso porque a categoria de pessoa é composta por um *eu* que instaura um *tu*. Assim, na linguagem, a subjetividade é condicionada pela intersubjetividade, porque há uma necessidade do reconhecimento do outro. O locutor se propõe como sujeito quando se diz *eu*. Pela subjetividade o sujeito deixa suas marcas no enunciado. No caso específico deste trabalho, essas marcas se apresentam como condição para a construção do sentido do texto tira, em que Mafalda, por meio da categoria de pessoa, deixa suas marcas de subjetividade no enunciado através de um *eu*-adulto e um *eu*-criança.

Verificamos que, em cada circunstância, de acordo com a utilização no discurso, há uma definição, o que mostra o quanto a língua se transforma na enunciação e o quanto há de subjetividade na enunciação.

Percebemos que essa subjetividade só ocorre porque um *eu* no discurso instaura um *tu* a quem se dirige falando *dele* (ou de algo). Em nossa análise, centramos a atuação da personagem Mafalda por ser ela a protagonista principal das tiras de Quino, evidenciando um *eu*-criança e, principalmente, um *eu*-adulto. O locutor (*eu*) é quem decide como descrever, qualificar, especificar

determinado ser (objeto ou situação), escolha que só tem significado no discurso. No caso das tiras da Mafalda, seu desenquadramento de criança ao posicionamento adulto que assume é o que causa o efeito de humor a partir da incongruência, pois a personagem muda de alinhamento inesperadamente, infringindo as estruturas de expectativas do senso comum. E essa característica peculiar da tira pode ser aproveitada pelo professor de língua portuguesa.

Como professora, entendo que o anseio do professor de língua portuguesa é que o seu aluno desenvolva bem as capacidades de ler e escrever, práticas que favorecem o exercício da cidadania, tendo em vista que, quanto mais capacidade no uso da nossa língua, maior será a possibilidade de o aluno, futuramente, ocupar um lugar singular, refletido e significativo na sociedade. Desse modo, tendo a linguagem como objeto de ensino, a aprendizagem se concretiza em novas formas de participação no mundo social, decorrentes da experiência com práticas de letramento por meio dos gêneros discursivos.

A tira é um dos gêneros que pode facilitar o trabalho linguístico na escola por conseguir conquistar um público variado. Estando presente em diversos suportes, como jornais, revistas, livros didáticos e até mesmo em provas de concursos, vem ganhando espaço. Além de ser facilmente identificada pelo leitor devido ao seu *layout*, que estrutura suas características formais, elementos de humor e ironia se estabelecem pelas características linguísticas. Além disso, através da sua leitura, pode-se focalizar habilidades de estabelecer relações e fazer inferências a partir do texto verbal e não verbal; identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constituem a narrativa, os efeitos de ironia e humor; compreender e expressar efeitos de sentido do uso de recursos gráficos e linguísticos (pontuação, letras maiúsculas e minúsculas, seleção de palavras, etc.) e compreender os temas tratados e a relação desses com a vida cotidiana e posicionar-se, já que, geralmente, traz situação de vida. Aponto a tira como uma opção para principiar um trabalho direcionado à construção do sentido do texto, por parecer ser um texto mais

fácil, pela curta extensão, o qual o aluno pode e deve ter como base para usar esse conhecimento para construir o sentido de novos textos.

A construção da categoria de pessoa, proposta por Benveniste, viabilizou a análise que realizamos nas tiras. Essa foi uma entre tantas possibilidades de análise linguística de textos. Este estudo mostrou que é possível uma nova abordagem na análise linguística voltada às relações entre linguagem em uso e sujeito. O sujeito, como Mafalda, pela subjetividade na linguagem, ocupa a categoria de pessoa e se enuncia e, pela intersubjetividade, instaura o interlocutor para, num princípio dialógico, expressar-se sobre algo, o *ele*, através de seu discurso, que revela valores, atitudes culturais e modos de expressão próprios da vida em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. 1988. *Problemas de lingüística geral I*. 2ª ed., Campinas, Ed UNICAMP.

_____. 1989. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio*: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento. Por que gosto de Benveniste? *Desenredo*, Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 127-138, jul./dez. 2005.

QUINO, *Toda Mafalda*/ Quino. Trad. Andréa Stahel M. da Silva et. al. São Paulo: Martins Fontes, 1993.